



Revista Tempo e Argumento  
ISSN: 2175-1803  
tempoeargumento@gmail.com  
Universidade do Estado de Santa Catarina  
Brasil

Godinho, Paula

Realidade e literatura: ditadura militar chilena, forclusão dos horizontes de expectativa e portas entreabertas [1]

Revista Tempo e Argumento, vol. 12, núm. 29, 2020, -  
Universidade do Estado de Santa Catarina  
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.5965/2175180312292020e0202>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=338163000012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](http://redalyc.org)



Sistema de Informação Científica Redalyc  
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal  
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa  
acesso aberto

## Realidade e literatura: ditadura militar chilena, forclusão dos horizontes de expectativa e portas entreabertas



**Paula Godinho**

Doutora em Antropologia pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). Investigadora do Instituto de História Contemporânea e professora da Universidade Nova de Lisboa (UNL).

Lisboa - PORTUGAL

[cienciavita@fcsh.unl.pt](mailto:cienciavita@fcsh.unl.pt)

[p.godinho@fcsh.unl.pt](mailto:p.godinho@fcsh.unl.pt)



[orcid.org/0000-0003-0344-6756](https://orcid.org/0000-0003-0344-6756)

### Para citar este artigo:

GODINHO, Paula. Realidade e literatura: ditadura militar chilena, forclusão dos horizontes de expectativa e portas entreabertas. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0202, jan./abr. 2020.



<http://dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0202>

Recebido: 06/08/2019

Aprovado: 03/02/2020

Realidade e literatura: ditadura militar chilena, forclusão dos horizontes de expectativa e portas entreabertas

Paula Godinho

## Realidade e literatura: ditadura militar chilena, forclusão dos horizontes de expectativa e portas entreabertas<sup>1</sup>

### Resumo

Neste artigo, pretendo fazer uma reflexão sobre a relação entre a antropologia, a história e a literatura e o seu papel na leitura dos processos sociais, a partir de: (1) uma abordagem de duas obras literárias - *El Palacio de la Risa* (2014), de Germán Marín e *Nocturno de Chile* (2000), de Roberto Bolaño; (2) dos elementos de terreno de uma visita a um dos locais de detenção clandestina, tortura e extermínio da ditadura chilena (1973-1990); (3) do cinema documental de Patricio Guzmán, Carmen Castillo e Pablo Salas. Através da sugestão conceptual de Daniel Bensaïd, exploro os limites da forclusão dos horizontes da expectativa, atribuível à supressão da ligação ao espaço da experiência, que conduz a uma anemia da razão crítica. Entre a ficção e o real, interrogo o encadeamento do imaginado, do imaginário e da realidade, e exploro a relação com os passados dolorosos, com o papel continuado do medo, bem como a sua superação, através dos mecanismos poderosos da memória colectiva no Chile.

**Palavras-chave:** Antropología. História. Literatura. Forclusão. Chile.

## Reality and literature: Chilean military dictatorship, foreclosure of expectation horizons, and half-open doors

### Abstract

In this article, I intend to reflect on the relationship between anthropology, history and literature and their role in the reading of social processes, from (1) an approach of two novels - Germán Marín's *El Palacio de la Risa* (2014), and Roberto Bolaño's *Nocturno de Chile* (2000); (2) of the fieldwork notes of a visit to a place of clandestine detention, torture and extermination of the Chilean dictatorship (1973-1990); (3) the cinema of Patricio Guzmán, Carmen Castillo e Pablo Salas. Using the conceptual framework of Daniel Bensaïd, I explore the boundaries of the foreclosure in the horizon of expectations. I question the aftermath of a weakening connection with the spaces of experience and its possible effects in critical reasoning. Between fiction and reality, I question the link between the imagined, the imaginary and the reality, and I intent to explore the relationship with the painful pasts, the role of fear and its surpassing through the powerful mechanisms of collective memory in Chile.

**Keywords:** Anthropology. History. Literature. Foreclosure. Chile.

<sup>1</sup> Na sua fase mais recente, este texto resulta do projeto “FAILURE: Reversing the Genealogies of Unsuccess, 16th-19th centuries”, H2020-Marie Skłodowska-Curie Actions, RISE (Research and Innovation Staff Exchange) European Commission (2019-2023). Em momentos anteriores (2016-2019), é devedor do projeto “Transiciones a la democracia en el sur de Europa y en América Latina: España, Portugal, Argentina y Chile”, financiado pelo Ministerio de Economía y Competitividad de Espanha, coordenado por Carme Molinero (UAB) y Pere Ysàs (UAB), com a referencia: HAR2015-63657-P. Para o escrever beneficiei da tranquilidade de uma estadia de alguns meses, entre Fevereiro e Junho de 2019, na Universidade de Santiago de Compostela, através de uma bolsa de licença sabática concedida pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Realidade e literatura: ditadura militar chilena, forclusão dos horizontes de expectativa e portas entreabertas

Paula Godinho

(Para Aitzpea Leizaola, Carla Silva, Manuel Loff e Miguel Cardina, porque não voltámos os mesmos)

Trabalhamos virtuosamente para os que hão-de vir depois de nós. Prepare-se, pois, uma *discipline de vie* e a sua organização; para isto haverá uma razão ainda maior, já que eles podem ter mais longa vida do que a nossa.

Konstandino Kavafis

## 1. Memória da água, inscrição e eclipse da razão crítica

“... les choses deviennent toujours à la longue assez familières, et l'expérience d'une humanité autre devient celle d'une humanité désespérément commune.”

Alban Bensa & François Pouillon

*O botão de nácar*, documentário de Patricio Guzmán (2015) retoma o tema abrangente da obra do realizador: o Chile contemporâneo e as suas histórias por cerzir, depois de uma feroz ditadura (1973-1990). Ao empolgamento do movimento social dos tempos de Salvador Allende, também marcado pela incerteza, devido às conspirações sucessivas dos militares, com o apoio da extrema-direita e da CIA, segue-se uma escalada de horror, após o golpe militar de 11 de Setembro de 1973. Em *O botão de nácar*, Patricio Guzmán filma a Patagónia e a sua memória de água, uma zona de tempo banido, lugares de chuva, neve, gelo, granizo, com belas massas azuladas, que se fundam e afundam sob uma luz fria. A água serve de mediadora entre as estrelas e os humanos: os primeiros habitantes da Patagónia viviam, circulavam e alimentavam-se dela. Esses nómadas da água chegaram há dez mil anos. Em língua kawésqar, velhos habitantes explicam essa vida, antes de chegarem os que buscavam o ouro, os que faziam guerra aos habitantes primevos, os que os caçavam. A ilha de Dawson, onde haviam sido internados antes os indígenas, serviria igualmente de presídio para alguns dirigentes da Unidade Popular, após o golpe de Estado. Os tempos parecem tocar-se, como se a história insistisse em escrever um único

capítulo. Um botão de nácar, incrustado num carril de ferro, é uma pequena unidade que contém e regista um tempo longo, que liga momentos e conta a história de extermínios sucessivos, de vilezas e mágoas várias, que junta passado e presente, que retém o que foi no que é. Aproxima histórias, passajadas no espaço e no tempo, entre o que se encontra longe, e é antigo, e o que está perto, e é recente. Concentra igualmente a vontade de encontrar uma pátria, por parte de um realizador que viveu e vive o exílio, um sentido para um *nós*, de que faça parte. Haveremos de reencontrar esse pedaço de água que ganhou consistência, e que também une as pontas deste texto.

Neste filme, o realizador vê pela primeira vez o mapa do Chile completo, com a ajuda de uma amiga, artista plástica, que cola folhas sucessivas, de modo a estender no chão a representação da pátria longilínea. Conquanto desdobrado em diferentes escalas, é o Chile inteiro que constitui o fulcro da obra do realizador, desde *A Batalha do Chile* (1975-1979), o filme crucial para compreender os tempos que antecederam o golpe e os dias aterradores que se seguiram, passando por *Chile, a memória obstinada* (1997), *O caso Pinochet* (2001) e *Salvador Allende* (2004). Numa outra obra, *Nostalgia da Luz* (2013), centrou-se no deserto de Atacama, o local buscado pelos arqueólogos para encontrarem o infinitamente antigo, e pelos astrónomos, para olharem para o desmesuradamente distante. Ali funcionaram campos de detenção e tortura, durante a ditadura, após o derrube do governo legítimo de Salvador Allende. A mesma terra que desvenda o passado aos arqueólogos, oculta os restos dos que a ditadura matou, ou devolve-os em fragmentos. As mulheres dos desaparecidos procuram-lhes ainda os ossos, entre a terra seca, que mumifica e conserva, trazendo o passado até ao presente.

Patricio Guzmán demonstra que há muitos sons, idiomas, paisagens e exílios em tudo aquilo que dura. O que subsiste, dilui perdas, quebras, limiares de tempo e de espaço, momentos e lugares não suturados, fronteiras entre antes e depois. Embora nem todos – nem tudo – logrem inscrever-se e perpetuar-se de modo hegemônico, os limiares são mais que linhas imaginadas pelos centros de poder. Remetidos para formatos coletivos de memória, propiciam leituras de conflitos, provenientes de escalas diversas. Alguns alicerçam-se em modos de

vida locais e grupais, por vezes unidos numa cultura de orla, à revelia do poder dominante, sobretudo quando este é avassalador. Através do nácar, essa substância dura e irisada, rica em calcário, que cresce em meio aquático, no interior de moluscos bivalves, chega também uma memória gravada pela água. Encontrar a água, o que ela deixa, as memórias que não são líquidas, como se alega serem estes tempos, mas podem ser viscosas, tremendas, interrompidas, transfiguradas, não é só obra de vedores, munidos das suas varas. A rãdomancia é uma prática antiga, em que, com uma varinha de madeira, os vedores parecem encontrar as águas subterrâneas. Como a investigadora que procura o escondido, erram muitas vezes, têm de insistir, porque nem sempre a inclinação da vara nas suas mãos deteta as correntes que estão em níveis profundos, não visíveis. No filme de Guzmán, o botão de nácar é uma memória de água que se fez pedra, e que guardou em si sinais de outro tempo. Tem um paralelo com a vara do vedor, que pode ser um instrumento para atingir níveis da realidade que estão além do evidente, do palpável, mas que são passíveis de ser encontrados, através de rastros quase impercetíveis.

Por vezes, os praticantes das ciências sociais e humanas precisam munir-se da vara do vedor para encontrar na mais transparente das substâncias os vestígios homeopáticos de memórias indesejadas, incômodas, terríficas – quantas delas como *memórias fracas* (TRAVERSO, 2005, ou melancólicas (TRAVERSO, 2019), de um passado que não passa (Rousso, 1994). A inscrição está associada a dispositivos de fixação, exibição e atualização, que permitem obstar à contingência biológica (Connerton, 1989). Porém, um vestígio é diferente da inscrição na memória pública, ou seja, da sua transformação em *memória forte* (TRAVERSO, 2005), cuidada pela sociedade, além do coletivo de que emana. Nas sociedades democráticas, edificadas após ditaduras, através de processos de transição que podem ser mais ou menos pactuados entre as elites – as *transições incompletas* (WARREN, 2002, p. 379) –, o desafio é visibilizar o esforço e o sacrifício daqueles e daquelas que lutaram para que as democracias existissem. No afã de edificar sociedades abrangentes, a correlação de forças nem sempre evidencia que essas mesmas sociedades democráticas são herdeiras dos que lutaram para que existissem. Não é o mesmo ter lutado por

Realidade e literatura: ditadura militar chilena, forclusão dos horizontes de expectativa e portas entreabertas

Paula Godinho

elas, tê-las defendido quando existiam, e ter estado do lado da opressão e de regimes iníquos. No caso chileno,

la recuperación de la democracia se alcanzó mediante un proceso de transición negociada con unas Fuerzas Armadas que conservaban intacto su poder. Después de importantes movilizaciones populares, el Acuerdo Nacional de 1985 alcanzado entre dirigentes de un amplio abanico de fuerzas políticas, aceptando la Constitución Política promulgada por la dictadura, inició un conjunto de acuerdos, continuados por las reformas constitucionales de 1989 tras la derrota de Pinochet en el plebiscito de 1988. La victoria del no abrió las puertas a unas elecciones libres, pero con el mantenimiento de importantes “enclaves autoritarios” e insuficiencias democráticas que solo muy lentamente se fueron diluyendo.” (MOLINERO; YSÁS, 2019, p. 8).

A proposta deste texto, que parte da alusão a imagens documentais, coloca a vara do vedor em busca dos rastros da violência política de Estado numa obra literária, *El Palacio de la Risa* (2014), de Germán Marín (n: 1934), culminando numa outra obra, publicada catorze anos antes: *Nocturno de Chile* (2000), de Roberto Bolaño (1953-2003). Entre as duas, encontra-se o registo dos fragmentos de uma realidade, através do recurso ao caderno de campo e ao diário de campo, numa deslocação em 2017 à Villa Grimaldi, um dos centros de detenção, tortura e desaparecimento de presos criado pela ditadura chilena depois do golpe militar de 11 de setembro de 1973, agora transformada em Parque de Memória, depois de o edifício ter sido arrasado, na tentativa de ocultar os crimes ali cometidos. Procura-se caminhos entre a ficção, ela própria assente em fontes diversas, e a prática da história e da antropologia. O meu argumento, entre a literatura e a antropologia, assenta numa proposta de Daniel Bensaïd que alude à forclusão do espaço crítico (BENSAÏD, 2013), como supressão da ligação entre o espaço da experiência e o horizonte da expectativa (KOSELLECK, 1979). Assim, conquanto a forclusão provoque uma anemia da razão crítica, proponho um enfoque que resgate a capacidade de resistência, através do impulso dos grupos.

Em 2014, o historiador e escritor francês Ivan Jablonka, em *L'Histoire est une littérature contemporaine – Manifeste pour les Sciences Sociales*, propôs o derrube da fronteira entre a literatura e a História: as ciências sociais podem ser literárias (JABLONKA, 2014, p. 7). Trata-se de «explorar as potencialidades das

ciências sociais e da literatura quando estas aceitam encontrar-se” (JABLONKA, 2014, p. 18, tradução nossa). Através da literatura, o que vi, questioneei e vivi enquanto antropóloga, com o que tem de difuso, aleatório e incerto dos comportamentos humanos – logo, de histórico e em situação –, pode ser examinado além do formato do terreno e da etnografia (BENSA; POUILLON, 2012, p. 8), ou seja, incorporando a literatura e a ficção. A etnografia e a história trazem os factos e os conceitos, a literatura trabalha-os pela escrita, numa festiva «paródia de fecundação» (JABLONKA, 2014, p. 18): “À literatura associa-se a vida, o indivíduo, a psicologia, o íntimo, a complexidade dos sentimentos; às ciências sociais, os assuntos graves e coletivos, os grandes acontecimentos, a sociedade, as instituições”(JABLONKA, 2014, p. 1819, tradução nossa).

Aprendemos com Maurice Godelier que a ficção nos traz o imaginado e imaginário (GODELIER, 2015, p. 112), porque a literatura ajusta, à sua maneira, vários componentes: “um mundo imaginado, mais ou menos imaginário, embora permanecendo sempre irreal, personagens, acontecimentos que estão carregados de dimensões simbólicas, tudo exprimido e imprimido sobre esse suporte material que são as folhas de papel que formam o livro.” (GODELIER, 2015, p. 113, tradução nossa). Contudo, é o mesmo autor que nos recorda que nem tudo o que é imaginado é imaginário. Quando a antropologia é retrospectiva, o passado, como país estrangeiro (LOWENTHAL, 1985) resulta do trabalho sobre fontes de diversa etiologia, que abrem o campo das possibilidades do conhecimento. Com Reinhart Koselleck compreendemos que uma teoria da história possível tem em conta que as fontes não relatam o que devemos saber, mas impedem-nos de fazer afirmações que não poderíamos fazer; ou seja, protegem-nos dos erros, mas não decidem o que devemos escrever (KOSELLEK, 1979, p. 201). Seja pela base documental, seja pelo encadeamento causal, que enquadra o que já se sabe que aconteceu em momentos anteriores, nas vésperas do ocorrido, a literatura não é só um mundo de seres imaginários oposto ao mundo da realidade efetiva. Como demonstra Jacques Rancière, a ficção é uma estrutura de racionalidade que permite comparar traços esparsos na construção de situações e de personagens identificáveis, de designar os acontecimentos, de



estabelecer uma ligação entre esses acontecimentos e de lhes dar um sentido (RANCIÈRE, 2016, p. 11).

Não se trata de postergar o trabalho de terreno e exaltar o texto literário mas de utilizar a literatura para a referida paródia de fecundação. A observação direta e participante, o recurso ao arquivo, às notas de campo e às fotos que tomamos introduzem complexidade no processo de conhecimento. O terreno (que inclui os arquivos) permanece a ferramenta essencial no nosso trabalho como antropólogas. Embora este texto se reporte sobretudo a duas obras de ficção, trata-se de um campo que reconheço, e que visito. Transporta a certeza de que a prática da antropologia contrariou alguma deriva literária e narcísica, porque a realidade não é só a sombra da linguagem, e as sociedades não se dão a ler como um livro (BENSA; POUILLON, 2012, p. 9). A multiplicação dos terrenos «sensíveis» coincidiu com uma viragem teórica que tornou a interrogação da prática da disciplina um fim em si, ao mesmo tempo que introduziu um cepticismo generalizado, que desvalorizou a base empírica do trabalho de campo (GODINHO, 2016; GODINHO, 2017; GODINHO, 2019)

Convém recordar que, em 11 de setembro de 1973, as cúpulas das forças armadas do Chile se aliaram num golpe que derrubou o governo legítimo do país, presidido pelo socialista Salvador Allende, com o apoio da Democracia Cristã. O presidente fora eleito em 1970, e a coligação de esquerda permitira a constituição do governo. A CIA, coadjuvada internamente já apoiara uma conjura, pouco depois da eleição de Allende, que conduziu ao assassinato do comandante-chefe do Exército, General René Schneider. Este considerava não deverem os militares intervir nos resultados das eleições – a designada *doutrina Schneider*. Para Nixon e Kissinger, o governo constitucional da Unidade Popular punha em risco os lucros das empresas norte americanas no país, e o golpe foi uma resposta do capital e do imperialismo, destinada a eliminar o poder social que os grupos subalternos vinham conseguindo. Estão no Chile 40% das reservas mundiais de cobre, sobretudo exploradas por empresas norte-americanas, que geraram fortunas repentinas depois do golpe (MARÍN, 2016, p. 116). A ditadura serviu para eliminar as organizações de esquerda e sindicais, e para disciplinar os trabalhadores, reafirmando a autoridade do capital, através da subcontratação,

da precariedade, da externalização e fragmentação de empresas, que se fizeram acompanhar da diminuição dos salários, cortes na segurança social e privatização da mesma, diferenciação entre trabalhadores permanentes e subcontratados, e pelo desemprego. Foi revogado o direito à greve, houve despedimentos coletivos, e foi imposta a disciplina militar no trabalho<sup>2</sup>. Os preços de todos os produtos foram liberalizados, indenizaram-se as empresas estrangeiras lesadas pelas nacionalizações do governo de Unidade Popular, e foi assinado um acordo com os Estados Unidos para o financiamento da dívida externa.

Primeiro com o golpe, preparado com a CIA, e depois com uma democracia pactuada, o Chile ficou à mercê de quem tinha a ganhar com a privação da liberdade política. Como nota Inacio Ramonet, os teóricos da escola monetarista, formados pela Universidade de Chicago chegaram ao poder em 1975, através de equipes que fizeram a assessoria de Pinochet, pondo em prática um neoliberalismo agressivo, duplicado por um antikeynesianismo militante (RAMONET, 2009, p. 33-34), que destruiu os formatos organizativos e sindicais, associados ao governo da Unidade Popular. Com terrorismo de Estado, foi mais fácil desregulamentar a economia, e empreender uma cascata de privatizações, como fizeram os Chicago Boys, usando o Chile como o primeiro laboratório para o que viria a ser corrente também em democracias:

O facto de a ideologia económica anunciadora e propugnadora da «maior liberdade dos indivíduos» num mercado livre ter tido o seu primeiro terreno de aplicação numa sociedade onde haviam sido proibidos a liberdade de imprensa, os direitos civis, os partidos políticos, a actividade sindical, as negociações laborais colectivas ou o direito à greve não pareceu escandalizar os defensores do mundo livre nem constituir uma contradição flagrante com a sua tão propalada democracia. (Henriques *in* Marín, 2016, p. 153).

<sup>2</sup>Depois do golpe militar de 1973, os despedimentos afetaram sobretudo dirigentes sindicais e simpatizantes de partidos de esquerda, o que desarticulou o movimento sindical da Central Única de Trabajadores (CUT). Em janeiro de 1974 só estavam ativas um quarto das organizações sindicais anteriores (Araya; Tébar, 2019, p. 138). Os despedimentos fizeram parte da política posta em prática pelos *Chicago Boys*, que conduziram à desarticulação de empresas e à entrada massiva de produtos importados. Por outro lado, a privatização das empresas públicas conduziu à destruição do emprego, que também se estendeu aos funcionários públicos, pois o Estado deixou de ser entendido como prestador de serviços sociais (Araya; Tébar, 2019, p. 143-144). No processo de transição, viria a ser criado o *Comando Nacional de Exonerados Políticos*, que exigiu medidas compensatórias ao governo de Aylwin, que passavam quer pelo direito ao trabalho, pela recuperação do lugar e por uma pensão de reforma digna.

Mesmo durante a transição, as autoridades que assumiram a condução do país preferiram executar as orientações do Consenso de Washington (GOICOVIC, 2019, p. 111). Realizada a tarefa de atribuir ao mercado a função de gerir os recursos produtivos, privatizando a esmagadora maioria das empresas e dos serviços públicos, com a drenagem dos recursos naturais, o Tratado de Livre Comércio entre o Chile e os Estados Unidos, assinado em 2003, limitou-se a reforçar o que provinha da ditadura<sup>3</sup>. Sem esta tela pouco se perceberá do que virá a seguir, e da violenta política de aniquilamento que foi posta em prática, em que o terrorismo de Estado foi fulcral.

## 2. Pegadas na literatura e memórias descontinuadas

(...) y poco a poco la verdad empieza a ascender como un cadáver. Um cadáver que sube desde el fondo del mar o desde el fondo de um barranco. Veo su sombra que sube. Su sombra vacilante. Su sombra que sube como se ascendiera por la colina de un planeta fossilizado.

Roberto Bolaño, *Nocturno de Chile*

Em *El Palacio de la Risa*, Germán Marín escreve acerca de uma casa que foi arrasada: “Era fácil deduzir, como num conto policial, que o assassino apagara qualquer vestígio e que, depois de fria e minuciosamente o ter feito, destruía o cenário do crime, com a fúria de um obcecado.” (MARÍN, 2016, p. 27). Na sequência de todas as atrocidades que ali foram cometidas, a casa, no número 8000 da Avenida José Arrieta, foi derrubada, porque “Não de podiam deixar vestígios que, mais tarde, fossem utilizados para revelar a verdade.” (MARÍN, 2016, p. 22), e resta ali “um silêncio pétreo congelado no ar” (MARÍN, 2016, p. 21).

Trata-se da tenebrosa Villa Grimaldi, perto de Santiago de Chile, que se transformara no principal centro de tortura da ditadura sanguinária que se seguiu ao golpe militar de 11 de setembro de 1973, e a que alegadamente os torcionários viriam a chamar «Palácio do Riso»:

<sup>3</sup> Sobretudo na segunda metade da década de 1990, procedeu-se à privatização de empresas de águas, de distribuição elétrica, da termoelétrica de Tocopilla, do porto mineiro de Ventanas, e dos ativos mineiros de reserva da Codelco (WAISSBLUTH, 2006, p. 40)

O narrador é alguém que visitara a casa na adolescência, quando a designação não era ainda «Villa Grimaldi», pois aí residia um amigo. A casa de Peñalolén fora construída no séc. XIX como refúgio estival da família Egaña. Depois do terramoto de 1939, que atingiu o sul do Chile, fora reforçada com pilares de madeira e, anos mais tarde, com vigas de betão (MARÍN, 2016, p. 32).

Quem narra a história voltaria mais tarde àquele espaço, em dois momentos distintos. No primeiro, com uma mulher, quando a *villa* fora convertida num *night club*, deambulando pelas divisões, tal como então faziam os filhos dos “membros da classe dourada que odiava Salvador Allende” (MARÍN, 2016, p. 69), que provinham do *Barrio Alto* de Santiago, localizado da Plaza Italia para cima, no sentido da cordilheira. No segundo instante, quando retornou, depois de dezassete anos de exílio, que fundem o tempo e o espaço: “Eu não vinha do estrangeiro, mas de um passado que, pelos vistos, ninguém queria, porque, conforme me apercebi, esse tempo representava pouco ou nada na vida actual dos Chilenos.” (MARÍN, 2016, p. 17-18). Depois de um violento programa económico neoliberal, da destruição dos quadros sociais anteriores, que debilitara os formatos organizativos e prostrara a resistência, houvera um apagamento memorial, uma “noite artificial que nos impedia de ver para trás” (MARÍN, 2016, p. 18). Estrangeiro no seu país, o narrador sentia-se “como no poema *A Cidade*, de Constantino Kavafis, onde quer que fosse, estaria condenado ao mesmo fracasso.” (MARÍN, 2016, p. 133). O corte no tempo apagara também o espaço, no sentido mais literal, descontinuando o que permite fixar a memória, e convertendo-a num quasi-delírio. De resto, “no Chile, como é sabido, existe um horror ao passado – o que não se destrói, desvirtua-se, devorado pela devastação do presente.” (MARÍN, 2016, p. 61). O narrador indaga se a “única tradição consistia num fracasso ininterrupto: consistiria, hoje, nisto a vitória obtida pela morte?” (MARÍN, 2016, p. 131).

Com um horizonte fechado pela presença da cordilheira, como um gigantesco telão de fundo, onnipresente em Santiago de Chile, o que resta do Parque de Peñalolén, que fora erguido com o casarão no final do séc. XIX, é pouco mais do que a piscina de mármore, onde o narrador recorda “o mergulho glorioso” (MARÍN, 2016, p. 53) durante a adolescência, em tardes felizes, entre os jovens da casa. O nome circense atribuído ao edifício, “Palácio do Riso”, terá sido atribuído com ironia assassina pelos torcionários que ali operaram. Os vários

espaços foram reconvertidos, numa transmutação da casa onde alguns tinham sido felizes num lugar de horror, associado ao sofrimento infligido, enquadrado pela violência de Estado. Entre espaços de rotinas familiares e de fruição, depois convertidos em lugares e aparelhos de mortificação, numa continuidade que trivializa os crimes ali cometidos, o narrador recorda as traves, onde a cozinheira da família do seu amigo pendurava as carnes salgadas, mais tarde convertidas em instrumento de tortura, o “chamado pau de arara, inventado no Brasil, e que consistia em amarrar a vítima na trave pelos pés e pelas mãos, de cabeça para baixo.” (MARÍN, 2016, p. 74). A torre onde antes se encontrara o tanque galvanizado com a água que enchia a piscina viria a ficar conhecida por “Torre dos Suplícios”, numa reconfiguração do sítio repleta de horror: “Eram presos aí os esquerdistas considerados íntegros, aqueles que continuavam inteiros e que não foram vergados nos interrogatórios” (MARÍN, 2016, p. 118). Seriam os que mais desapareciam, sem deixar rasto. No jardim, entre os umbuzeiros e os carvalhos, praticava-se uma modalidade de tortura a que chamavam “sino”, que “consistia em pendurar o prisioneiro pelas extremidades inferiores entre duas árvores e depois, quando este começava a ficar desesperado [...] em balançá-lo por meio de uma corda na direcção dos ramos quebrados” (MARÍN, 2016, p. 116). O coreto, onde um dos filhos da família que ali vivera preparava os espectáculos musicais, viria a servir, durante a ditadura, para aplicar a tortura conhecida como “estátua”, com horas de imobilidade, por vezes de cócoras. A cave fora outro lugar maldito, e a garagem ficaria conhecida como «o matadouro» (MARÍN, 2016, p. 109). Quer a fonte de espelho haveria de servir para sufocar os detidos no lodo, quer a piscina, que no passado animara tardes de mergulhos e natação dos adolescentes da família, tiveram uma outra utilização. Após setembro de 1973

era comum submeter os detidos a castigos de imersão, por ordem do capitão Miguel Krassnoff, de origem ucraniana, acerca de quem se dizia ter participado no assalto à residência de Salvador Allende, na Avenida Tomás Moro, a 11 de Setembro de 1973. Inicialmente, a tortura aplicava-se na água negra da piscina, mas, depois do primeiro Verão em Peñalolén, o coronel encarregado do recinto, chamado Pedro Espinoza, mas conhecido por Dom Rodrigo, achou que era melhor usar a piscina como local de recreio do pessoal superior. Os presos costumavam vomitar quando a água começava a encher-lhes os pulmões e, além disso, o medo fazia com que os mais fracos defecassem dentro dela. (MARÍN, 2016, p. 89).

A mesma piscina, as mesmas águas em que, numas horas, os torcionários procediam à mais cruel dilaceração dos detidos, tornava-se espaço de lazer, de fruição, de brincadeiras e risos infantis, para as famílias dos torcionários e dos guardas, noutros momentos, numa continuidade entre o inominável e o banal.

No romance, uma personagem que colaborou na tortura, como psicóloga, explica que “a vitória não consistia necessariamente em provocar a morte do outro, mas em obter a satisfação do seu aniquilamento, transformando-o num animal inofensivo e, sobretudo, dócil e mudo.” (MARÍN, 2016, p. 123). Os detidos, mantidos famintos, eram chamados para aproveitarem as sobras de comida, em disputa com os cães: “Às vezes, a humilhação dava mais resultado que a pancada.” (MARÍN, 2016, p.117). A alimentação escassa, depois de muitas horas de jejum, a receber choques eléctricos, tendia a favorecer o desalento, coadjuvada com os olhos vendados e a falta de asseio pessoal (MARÍN, 2016, p. 119). Depois de algumas semanas no “Palácio do Riso”, os detidos sofriam um processo de animalização, com o ouvido e o olfacto como órgãos mais desenvolvidos, este último a permitir avaliar o grau de degradação do corpo na ausência da higiene, que ia para além da dignidade humana. Aguçavam o ouvido, pois estavam vendados e a escuridão agravava todos os outros medos, em crescendo, enquanto aguardavam a sua vez para a tortura. Como a ameaça pairava, o pânico crescia ao ouvirem os simulacros de execuções.

Para os profissionais da tortura, este antro de dor por eles infligida, em que os prisioneiros permaneciam sempre vendados, trazia-lhes uma familiaridade e uma prática, que lhes permitia “distinguir os gritos de dor, os que eram provocados pelas descargas eléctricas e os que eram pela pancada.” (MARÍN, 2016, p. 113). Um dos verdugos, o tenente Jaime Canísio, um grande amante de ópera italiana (que fora anátema na família que antes ocupara a casa), repetia o final da *Aida* pelos altifalantes, com a morte por amor do casal, *pace t'imploro, salma adorata* (paz, imploro-te, cadáver adorado). Morre-se várias vezes quando se adivinha a morte dos outros próximos: Canísio também gostava de obrigar os torturados a assistir à tortura dos restantes. Em conjunto com o agente Saldías, extorquia os familiares dos presos (MARÍN, 2016, p. 113).

Há um sentimento de irrealidade, de contiguidade e continuidade, no tempo e no espaço, de uma insuportável sucessão entre o trivial e o tremendo, sem rotura:

Parecia-me inacreditável o Palácio do Riso ter existido – não coexistido – com aquele bairro agradável que o rodeava, cheio de casinhas, bem cuidadas, de telhas vermelhas, abençoadas pelas badaladas da igreja vizinha, onde imaginava ser possível encontrar jovens bem-arranjadas, vaidosas, que faziam as compras nas mercearias próximas, e crianças em férias de verão, que, ao cair da tarde, davam voltas de bicicleta ao quarteirão. (MARÍN, 2016, p. 96).

A pressão das famílias dos torturados, dos mortos e dos desaparecidos, bem como a intervenção de organismos internacionais, impediu que ainda durante a ditadura, a Villa Grimaldi fosse esquecida, depois de encerrar como centro de tortura, em agosto de 1977, mas, “*A fim de evitar futuras investigações, El Palacio de la Risa foi desmantelado até às suas últimas consequências, sem que nada se salvasse, excepto um ou outro pormenor, quase nada, se nos lembrarmos da riqueza harmoniosa do conjunto.*”. Ou seja, demoliu-se

qualquer vestígio que representasse um estigma, anterior ou presente, seguindo uma política de terra queimada, que acabou também com o resto agónico do parque, maltratado e seco, transformado já num simples pátio de quartel. Não podia ficar nenhum indício visível. Nesse sentido, só escapou da destruição, quase como uma piada macabra, a piscina de mármore, fendida pelo sol e pelo frio de anos, e a pequena fonte de pedra, onde, apoiado na borda, permanecia indeciso, nessa manhã de Dezembro, sem me atrever a nada. (MARÍN, 2016, p. 101).

Nestas topografias do terror, os depoimentos conhecidos corroboram e dilatam mesmo a crueldade deste texto ficcional. As memórias dos que escaparam tem muito em comum, como se a capacidade para delinear a dominação através da violência de Estado assentasse numa internacional dos métodos de terror. A Operação Condor foi uma parte dessa conjugação, através da iniciativa do governo norte-americano, coadjuvado com a violência de Estado e com forças de extrema-direita da Argentina, da Bolívia, do Brasil, do Paraguai e do Uruguai.



O vício das atrocidades cometidas pelos Estados trespassa tempos e lugares. O que fora olhado de modo localizado toma novos sentidos, quando inserido num nível político macro, que visa eliminar os que são considerados subversivos, os que os apoiam e também os que querem demonstrar neutralidade. Se tivesse completa concretização esta tentativa de eliminação total no cone sul da América, com o plano a atingir a sua plenitude, não haveria quem cuidasse da produção e da reprodução, quem fizesse a comida, lavasse, cuidasse, concebesse e pusesse em andamento os mundos que restavam. Assim, nos locais instáveis (MERTZ, 2002; GREENHOUSE; MERTZ; WARREN, 2002), coube ao medo um papel fulcral na destruição da cidadania, reduzindo as pessoas ao lugar de produtoras e reprodutoras, através de aparelhos de violência com muitas similitudes, que se supõe que vacinariam contra a vontade de resistir. Como nota Elías Padilla Ballesteros, a desapareição forçada de pessoas foi um método repressivo de tipo novo, que elimina fisicamente, oculta o corpo das vítimas, e gera correntes de terror, que afeta os familiares diretos mas também aqueles que estão em círculos próximos, e em vários sectores da sociedade, com o objetivo de atemorizar e impedir qualquer tipo de oposição e de protesto contra o regime golpista (PADILLA BALLESTEROS, 1995, p. 9). O medo torna-se intersticial, assente em ações de terceiros, cuja racionalidade é difícil de descortinar, com retaliações inexplicáveis, rumores que fazem saber que o vizinho, o conhecido, o colega, foi detido, torturado ou feito desaparecer. Esse medo disseminado engole as pessoas num esforço de prosseguir, para que os filhos possam dar netos, perpetuar a família, ser bem-sucedidos. Traz atitudes de prudência que permanecem, que demoram gerações a passar, que se tornaram um hábito. Na novela, uma mulher que colaborou na tortura afirma ao narrador que “Havia a ideia generalizada de que o medo era pior que esticar o pernil” (MARÍN, 2016, p. 114), ao mesmo tempo que continua a ver na televisão uma novela brasileira, «Rainha da Sucata». Já no final, perto do Canal San Carlos, que desagua no rio Mapocho, depois de ter sido assaltado, o narrador fecha “os olhos por um instante para ver mais claramente o mundo, ouvindo sob os meus pés, a curta distância, o fragor incessante de água suja e pesada do canal.” (MARÍN, 2016, p. 138).



A novela descreve espaços que mudam, pessoas que desaparecem e/ou que se tornam irreconhecíveis, em Santiago de Chile. Esta é uma cidade em quadrícula, como várias da América Latina. Decidida de cima, planificada como tantas, a cidade parece uma jaula, se vista de avião. No centro, um bairro de classe alta, quebra esta regra da linha reta: Londres. Quem planejou a cidade, pensou noutra para si, eximindo-se ao cumprimento da norma urbanística, num bairro de ruas curvas. No coração de Santiago, há uma rua sinuosa, de casas elegantes, onde vivem os que pouco sabem – e não querem saber – dos que habitam as periferias pobres. Também preferem ignorar a História, porque os que a fazem e a inscrevem, também a esquecem. São aqueles e aquelas para quem a memória é pegajosa, insalubre, dura, que não esquecem, e que insistem em marcar no espaço o que pode incomodar os vizinhos de classe alta. Chama-se Londres, e no número 38 funcionou um centro de detenção e tortura, depois do golpe de 11 de setembro de 1973. Aqui se submeteu ao inominável tantas e tantos, demasiados. Londres 38 é um edifício estranho, com gritos escritos na porta, *graffitis* que periodicamente são apagados ou adulterados, e reaparecem, e pequenas placas no chão (Figura 1), com o nome de alguns que ali deixaram de ser vistos para sempre. Foram muitos os que desapareceram. Outros “quebraram”, denunciando os seus camaradas, como sucedeu com Luz Arce, que fora militante do Partido Socialista e membro do Grupo de Amigos Personales (GAP), a guarda pessoal de Allende, e com Marcia Alexandra Merino Veja, dirigente do MIR (Movimiento de Izquierda Revolucionaria), conhecida por *La Flaca Alejandra*, nome também do filme, realizado por Carmén Castillo (1994). Depois de presa e torturada, a última denunciou a sua organização e entregou-a à DINA (Dirección de Inteligencia Nacional). Miguel Enríquez, dirigente do MIR (Movimiento de Izquierda Revolucionária), companheiro de Carmén Castillo, foi um dos denunciados, assassinado em 1974. Luz e Alejandra foram torturadas na Villa Grimaldi, e a primeira igualmente em *Londres 38*, uma casa de dois andares onde funcionou um centro de detenção e tortura no coração de Santiago de Chile.

Realidade e literatura: ditadura militar chilena, forclusão dos horizontes de expectativa e portas entreabertas

Paula Godinho

Figura 1: Santiago de Chile. Placa no chão, em frente de *Londres 38*



Fonte: Produção da autora, 2017.

Na rua tortuosa, no número 38, alguém escreveu na parede: «*Aquí hubo muerte!*» e, na elegante porta de madeira «*Aquí torturarán a mi hijo*». No chão, entre as folhas secas do Outono, a calçada de paralelepípedos de rocha vulcânica tem alguns destes substituídos por placas de metal, com os nomes dos que ali desapareceram, alvos de uma violência que não deixou rasto, corpo, testemunho de terceiros, provas jurídicas (LEFRANC, 2002). Uma placa maior elucida que o local se tornou monumento (Figura 2).

Realidade e literatura: ditadura militar chilena, forclusão dos horizontes de expectativa e portas entreabertas

Paula Godinho

Figura 2: Santiago de Chile. Placas no chão, em frente de Londres 38.



Fonte: Produção da autora, 2017.

### 3. *A veces la tierra tiembla* – realidade, acontecimento e o papel da rabdomância

Está el pasado cayendo en pedazos  
como el mendigo de las ropas bufas...  
y no lloramos viéndonos desnudos:  
el agua arrase y el viento disperse...  
ni tiritamos de tanto despojo.  
Si tanto falta es que nada tuvimos.

Gabriela Mistral, *Poesías*

O ônibus que nos leva do centro de Santiago para a Villa Grimaldi não é fácil de encontrar. Perguntamos a uma, duas, dez, vinte pessoas, de várias idades e condições, e o topónimo parece um significante sem significado, a que se torna

difícil encontrar o referente. Este alheamento é um indicador *a contrario*, um sinal de um corte e de uma memória pública obnubilada em relação àquilo que as democracias têm de acarinhar, porque é o seu princípio. Custa-nos encontrar o ônibus autocarro, a partir do centro de Santiago. Finalmente, conseguimos, depois de perguntar ao motorista se vai para lá. Olha-nos de um modo estranho, sussurra que não quer cobrar o preço dos bilhetes. Sentimo-nos cúmplices, e não perguntamos porquê. Somos cinco amigos, passeámos por Santiago de Chile desde essa manhã. Há fotos dos nossos sorrisos, da leveza com que íamos olhando para a cidade onde nunca tínhamos estado, como se estivéssemos de férias e os dias pudessem ter a extensão e a candura dos da adolescência, descrita pelo narrador de «El Palacio de la Risa». Não voltaríamos os mesmos.

Em Santiago, a cordilheira vê-se de todo o lado. O Mapocho, o rio que os invasores coloniais permitiram que continuasse a ter a designação da «terra de gente» na língua dos que ali viviam, tem vários troços encanados. Vindo dos Andes, o Mapocho recebe água de afluentes diversos, atravessa a cidade, aparece e desaparece em partes subterrâneas e desemboca no Maipo, cujo nome em mapudungun significa «trabalhar a terra». Este há-de chegar ao Oceano Pacífico, com águas de múltiplos contributos. Ángel Parra, numa carta que dirige ao cantor Victor Jara, morto pelos sequazes de Pinochet, depois de um martírio tremendo, demonstra que não esqueceu as águas do rio. Quando a sua irmã Isabel lhe comunica que pode voltar do exílio, porque os ditadores criminosos lhe perdoaram, em 1987, escreve ao amigo assassinado: *“Ellos me están perdonando nuestros 30 mil muertos y ¿el río Mapocho ensangrentado?”*.

Passaram 30 anos desde essa carta, estamos em 2017, em abril. Os dias do Outono do Sul estão frios e a terra treme. O epicentro dos sismos pode ser mais a norte ou mais a sul, no mar ou em terra, mas a razão profunda está na instabilidade gerada pela zona de subducção, que engole a crosta terrestre no litoral de grande parte do país, onde a terra se refaz. Estreito e longo, de modo que as crianças, na escola, o reconhecem sempre por partes, o Chile pode lembrar-se pelos movimentos da crosta terrestre, com uma história assinalada por edifícios frequentemente derrubados, reerguidos, recriados. Os sinais do

tempo podem ler-se nas reconfigurações das cidades após abalos telúricos – ou utilizando-os como argumento. Porém, nem sempre é a natureza a derrubar as casas. Arrasar pode ser o sinal de uma vontade de não inscrição, de apagamento, de fuga a um passado incómodo e indesejável.

Esse subterfúgio de encobrimento total de um tempo marcado pela violência de Estado, que pode ter vivido paredes-meias com as bagatelas do quotidiano, desmonumentalizou literalmente a Villa Grimaldi. Como em *Londres 38*, e todos os outros locais de tortura e extermínio, que fazer com o património que dói (UZZEL; BALANTYNE, 1998), negativo e dissonante, com os lugares de dor e vergonha (LOGAN; REEVES, 2009), com o passado em conflito? (TUNBRIDGE; ASHWORTH, 1996). Uns querem bani-lo, sob a alegação de que é preciso esquecer, e outros insistem em guardá-lo, com três argumentos: há quem não esqueceu, e a sua memória é crucial; é preciso que não se repita, e as placas evocativas, a toponímia, os lugares musealizados, os livros, os filmes e outros formatos de registo e evocação servem ao reforço dessa recusa; finalmente, porque cabe às sociedades democráticas recordar os que foram dizimados ao lutar por elas, num exercício para o futuro.

«*Museo de Sitio – Parque por la Paz – VILLA GRIMALDI*» - chegamos finalmente à porta, é um cartaz que o anuncia. O antigo centro clandestino de detenção, tortura e extermínio, é agora um lugar de memória e de promoção dos direitos humanos, de entrada livre, aberto todos os dias das 10 às 18 horas. Uma das portas, pela qual entravam e saíam as viaturas com os que ali foram detidos ilegalmente, torturados e mortos, permanece simbolicamente fechada, para sempre. Entramos num espaço esvaziado, porque o derrube do edifício correspondeu à vontade dos algozes de não deixar vestígios. Antes do golpe, e depois de ter sido construída no início do séc. XX, fora primeiro residência familiar, um espaço de repouso privado e, mais tarde, um restaurante, «Paraíso Villa Grimaldi», com a ironia que o futuro próximo traria a essa designação. Não há vestígios fotográficos do seu interior, e só graças aos depoimentos dos que ali estiveram detidos foi possível fazer desenhos dos locais e evocar alguns através de placas ou de reconstituições. Segundo a informação existente, este local, que serviu de prisão, onde se torturou e aniquilou seres humanos, foi denominado



«Quartel Terranova», embora a designação «Villa Grimaldi» tenha sido a que prevaleceu. *Palácio do Riso* poderá ter sido um endónimo, um jargão trocista usado entre os torturadores – ou é um recurso da ficção de Germán Marín.

Segundos as notas do caderno de campo, a partir das placas ali existentes e de algumas outras do centro de documentação existente, o Exército instalou-se no local em Dezembro de 1973. A partir de Maio de 1974, começou a funcionar ali o Quartel Terranova, centro de detenção, sequestro e morte, a cargo da DINA.<sup>4</sup> Depois de tantos serem detidos, imediatamente a seguir ao golpe de Estado, no Estádio Nacional, e dos raides da *Caravana da Morte*, que deixaram um rasto de horror, um dos militares que participou nesta operação de aniquilamento viria a ser nomeado diretor da Villa Grimaldi.

Nos aparelhos de violência, com muitas similitudes, o medo teve um papel fulcral na destruição da cidadania, obstando a qualquer veleidade de resistência. A existência de locais como a Villa Grimaldi, e o modo de aniquilamento seletivo, não só cumpria um papel de disseminação do medo, como instalava a desconfiança entre os presos, seus familiares e amigos quanto às razões por que uns escaparam à morte, e outros eram dizimados.

Depois de ter sido encerrada em 1978, a Villa Grimaldi viria a ser desmantelada, em 1980, e a seguir arrasada pela empresa construtora que comprou o terreno, e que o destinava a um projecto imobiliário, em 1988. Viria a ser o primeiro centro de extermínio de todas as ditaduras dos anos 1970-1980 do cone sul da América a ser recuperado. A Asamblea Permanente por los Derechos Humanos de Peñalolén empenhou-se nesse processo de construção do parque de memória, uma outra maneira de enunciar «Nunca mais!» (Figura 3).

<sup>4</sup> A DINA, Dirección de Inteligencia Nacional, foi uma polícia política de Estado que disseminou o terror, entre 1973 e 1977, sendo substituída pela Central Nacional de Informaciones (CNI). Foi protagonista na destruição dos movimentos sociais e dos membros das organizações políticas e sindicais. Utilizou vários edifícios para levar a cabo o seu plano de extermínio, em todo o Chile. O último diretor da CNI vendeu o terreno a familiares seus, ligados a uma empresa construtora, de modo fraudulento.

Realidade e literatura: ditadura militar chilena, forclusão dos horizontes de expectativa e portas entreabertas  
Paula Godinho

Figura 3: Placa na Villa Grimaldi, Santiago de Chile, foto de Abril de 2017.



Fonte: Foto da autora, 2017.

Num muro do lado esquerdo, a seguir ao pequeno centro de documentação onde se encontram os registos orais que permitiram reconstituir a utilização deste espaço, há vários memoriais, com evocações dos diversos grupos políticos que a ditadura perseguiu, e com nomes dos assassinados, de vários lugares e países (Figuras 4 e 5). Sob a frase de Mario Benedetti “*El olvido está lleno de memoria*”, os nomes dos que desapareceram. Sem a memória, a reconstituição deste espaço teria sido impossível, pois a repressão empenhou-se em não deixar vestígios, ou fontes escritas.

Realidade e literatura: ditadura militar chilena, forclusão dos horizontes de expectativa e portas entreabertas

Paula Godinho

Figura 4: Evocação do MIR na Villa Grimaldi, Santiago de Chile, foto de Abril de 2017.



Fonte: Foto da autora, 2017.

Figura 5: Evocação do PC de Chile na Villa Grimaldi, Santiago de Chile, foto de Abril de 2017.



Fonte: Foto da autora, 2017



Realidade e literatura: ditadura militar chilena, forclusão dos horizontes de expectativa e portas entreabertas

Paula Godinho

À nossa frente, a piscina abandonada tem águas das chuvas e folhas mortas – e um passado de memória promíscua, perversa, entre o trivial, o convivial e o horror. Perto, há um roseiral, o «Memorial Jardín de las Rosas»: em três círculos, em torno de um lago, lembra-se as 36 mulheres que morreram na Villa Grimaldi, no segundo, as 102 chilenas que foram mortas na década de 1970, e no terceiro, as 53 que foram assassinadas na década de 1980 (Figura 6). Entre as rosas, pequenas placas assinalam o nome das mulheres mortas ou desaparecidas. Uma delas lembra a «companheira desconhecida».

Figura 6: Memorial Jardín de las Rosas, Villa Grimaldi, Santiago de Chile, foto de Abril de 2017.



Fonte: Foto da autora, 2017

Perto, foi reconstruído um muro, que o terramoto de fevereiro de 2010 abateu, e que era essencial nas recordações dos sobreviventes, pois as cores dos seus azulejos permitiam entender em que sector tinham estado presos. Entre o horror que ali viveram, recordavam também a frescura do muro, nos dias de verão, sentida nos corpos doridos da tortura. Uma placa no chão lembra as «casas Corvi», designação jocosa aposta pelos torturadores, que aludia a um bairro de habitação social: aqui eram celas de 1x1 metro, em que os detidos ficavam em isolamento, vendados e com correntes nas mãos e nos pés. As «casas Chile» eram um pouco maiores.

Figura 7: Placa evocativa de local de tortura, Villa Grimaldi, Santiago de Chile, foto de Abril de 2017.



Fonte: Foto da autora, 2017

Sujeitos a tortura física, psicológica e sexual, os presos passavam pela «parrilla», uma cama com choques elétricos, e pelas atrocidades da sala de tortura, anexa à casa da guarda (Figura 7). A Torre, que foi reconstruída, tinha celas exíguas e uma sala de tortura – dela, foram raros os que saíram com vida. Depois de uma tremenda tortura, daqui terá partido, por exemplo, Marta Ugarte, dirigente do Partido Comunista de Chile, cujo corpo foi encontrado na praia de la Ballena, tendo os órgãos de comunicação referido o caso como um crime passionai, alterando a idade da vítima<sup>5</sup>. Além dos presos e dos mortos, o desaparecimento forçado de opositores foi outra prática, que passou a conhecer-se melhor depois da investigação feita sobretudo por dois juízes – Juan Guzmán Tapia e Victor Montiglio.

Do lado direito, a partir da entrada, um monumento lembra os carris encontrados na Baía de Quintero, aqueles a que eram atados os presos, depois de injetados com substâncias que os adormeciam ou matavam, e que eram lançados dentro de sacos, a partir de helicópteros, nos mares do Chile (Figura 8). Esses carris, encontrados em quantidade na referida baía, foram trazidos para este espaço, e instalados num cubo metálico semi-enterrado. No caso de Marta Ugarte, o corpo ter-se-á soltado das barras de ferro. O botão de nácar a que se refere o filme de Patricio Guzmán está preso num dos carris aqui depositados, sinal indelével das atrocidades cometidas.

---

<sup>5</sup>Uma investigação levada a cabo por estudantes de jornalismo da Universidade de Chile revelou a conivência do grupo de comunicação social *El Mercurio*, e o modo como o jornal promoveu o golpe e defendeu as violações dos direitos humanos. Foi diretamente financiado pela administração norte-americana, imediatamente a seguir à eleição de Salvador Allende, em 1970. Ver *El Diario de Agustín*, de Ignacio Agüero, 2008, [https://www.youtube.com/watch?v=6Hs60\\_o\\_Yv0](https://www.youtube.com/watch?v=6Hs60_o_Yv0).



Realidade e literatura: ditadura militar chilena, forclusão dos horizontes de expectativa e portas entreabertas

Paula Godinho

Figura 8: *Monumento Rieles*, Villa Grimaldi, Santiago de Chile, foto de Abril de 2017.



Fonte: Foto da autora, 2017

No processo de transição, o jurista Raúl Rettig Guissen viria a ser nomeado presidente da Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación, também conhecida como Comissão Rettig, destinada a apurar a verdade sobre as graves violações dos direitos humanos ocorridas entre 11 de Setembro de 1973 e 11 de março de 1999. Todavia, quando Augusto Pinochet foi detido, em Londres, em 1998, as organizações de direitos humanos continuavam a denunciar a impunidade da violência de Estado. Só a partir desse momento os processos contra civis e militares envolvidos nesses crimes conheceram algum crescendo (GOICOVIC,

2019, p. 117). Segundo a Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura, nomeada pelo presidente Ricardo Lagos em 2003, foram identificadas no Chile 28.459 pessoas, vítimas de prisão política e tortura, na sequência do golpe de 1973<sup>6</sup>. Houve um total de 34.690 prisões, das quais 1.244 tinham menos de 18 anos, e 176 eram menores de 13. As mulheres foram 3.621, ou seja, 12,72%. Mais recentemente, já com o presidente Sebastián Piñera, seriam reconhecidas mais de 40 000 vítimas, com 3.065 mortos ou desaparecidos, desde 1973 a 1990. Só na Villa Grimaldi estiveram 132 detidos desaparecidos (MARÍN, 2016, p. 105).

Não se visita um espaço como este sem ficarmos outras, mesmo quando já recolhemos muitos episódios atrozes, noutros sítios do mundo, porque a geografia do terror é lata. Parece insólito, um lado da realidade mais distendida atual que se imiscui no que vimos, que haja um cartaz numa árvore, à porta da Villa Grimaldi, em que alguém procura um cão Chiguagua macho, cor de café, com um lipoma numa anca, que responde pelo nome de Tomás, e que está doente. A realidade tem tempos múltiplos e, numa só, as perfurações são várias.

Em 1 de maio de 2017 houve manifestações em Santiago do Chile, como numa boa parte do mundo. Era dia do Trabalhador, considerado um feriado inegociável, mesmo nos piores tempos. Saíram duas manifestações, uma mais institucional, outra com movimentos sindicais mais aguerridos, partidos de esquerda e organizações feministas e indígenas. Embora esta última decorresse sem incidentes, perto do final do percurso, a polícia, fortemente protegida com equipamento anti-distúrbios, encaminhou os manifestantes para uma zona cercada. Aí, enquanto os organizadores tentavam discursar e apelavam à não-violência, eram lançadas granadas de gás lacrimogénio contra os manifestantes, que se protegiam como podiam com lenços e roupas, e vários canhões de água apontavam aos manifestantes. No final do dia e nos dias seguintes, os olhos vermelhos e os espirros denunciavam quem estivera na concentração. Dizem-nos ser corrente o uso desproporcionado da violência de Estado e da repressão (SCHMIDT; SCHRÖEDER, 2001; SLUKA, 1992), numa sociedade que terá feito a passagem para a democracia, conquanto mantenha em vigor a constituição aprovada em 1980, sob o regime saído do golpe de Pinochet, numa transição

<sup>6</sup> Ver <http://www.comisiontortura.cl/>

incompleta (WARREN, 2002). Tomás Moulian, citado por Igor Goicovic, considera que essa transição (1988-1994) se articulou em torno de três pilares fundamentais: a manutenção do modelo económico neoliberal, os ajustamentos realizados em 1989 à Constituição política de 1980, e a contenção das exigências sociais por parte da aliança política que liderou o processo (MOULIAN, 1997, p. 45-56 apud GOICOVIC, 2019, p. 106).

No texto de posfácio à obra de Germán Marín em língua portuguesa, Júlio Henriques reconstitui o pano de fundo do 11 de setembro de 1973, com o envolvimento das autoridades norte-americanas remontando bem longe: desde a formulação da «doutrina Monroe», em 1823, a América Latina constitui uma área de influência dos Estados Unidos, o que tem dado aso a um conjunto de agressões ao longo da história: “A História parece ser um pesadelo de que estamos constantemente a despertar. E no presente mundo da amnésia organizada, a narração da História é ela própria um campo de batalha.” (HENRIQUES in MARÍN, 2016, p. 150), que provoca em alguns momentos revoltas da memória (LOFF, 2000; LOFF, 2015).

A rabdomancia parece ensinar a encontrar as águas, mesmo as que estão ocultas. É um modo de procurar as fontes, aquelas que nos impedem de errar, mas não nos ensinam a seguir o caminho certo. Adivinhar as águas – do Mapocho, dos mares em que foram atirados os corpos, dos canhões policiais que impedem o direito de manifestação – é usar a nossa vara de vedor rente a memórias longas, que nos atormentam noutras águas, como as do uso aviltado da piscina da Villa Grimaldi, onde numas horas se sufocavam os presos, sob tortura, e nas horas seguintes, em continuidade, servia de local de recreio para os filhos dos guardas e dos responsáveis pelo centro de detenção e tortura, sem que o uso pelos torcionários parecesse contaminar a fruição do lazer, horas depois. As mesmas águas permitiam um uso alternado entre o horror e a banalidade.<sup>7</sup> Decifrar águas tão contaminadas pode ser um duro exercício.

<sup>7</sup>Conduz-nos a uma associação com as fotos felizes da família de Rudolph Hoess, o comandante do campo de concentração de Auschwitz, que vivia com os seus filhos e a esposa, paredes meias com o campo de extermínio e horror. Nessas fotos familiares, em Auschwitz há crianças sorridentes, a brincarem numa piscina, num escorrega, a jogar – e do outro lado do muro, o indizível, não só do conhecimento como da responsabilidade de Hoess. Também o álbum fotográfico de Hoecker faz o mesmo com membros das SS, em imagens distendidas de lazer e confraternização, em Auschwitz.

#### 4. Espaços da experiência, horizontes da expectativa e forclusão social

E isto é tudo, amigos. Tudo o fiz, tudo o vivi.  
Se tivesse forças, punha-me a chorar.

Roberto Bolaño, 2666

Numa obra de 1999, *Nocturno de Chile*, o escritor Roberto Bolaño regressara, depois de anos de exílio, com uma sombria “*metáfora de um país infernal*”, através dos «*poços cegos da memória*». Na novela, a partir do leito de morte, um padre chileno, membro da Opus Dei, poeta e crítico literário de sotaina, narra a sua vida. Sofre de *morbus melancholicus*, que descreve como a ânsia de infinito, recorrendo a Schelling, com sapiência. Contudo, passa ao lado da magna obra do filósofo, centrada na origem do mal humano. Nos dias iniciais do golpe de 1973, a personagem principal encerra-se a ler, à espera que a crise passe, numa recusa a envolver-se, quase enfastiado, enquanto La Moneda é bombardeada e Allende se suicida: “Entonces yo me quedé quieto, con un dedo en la página que estaba leyendo, y pensé: qué paz. Me levanté y me asomé a la ventana: qué silencio.” (BOLAÑO, 2017, p. 74). Não é uma posição que tenha sido estranha a gente bem real, neste e noutros contextos. Na obra, esta personagem recorda quatro peripécias cruciais, de que escolho a última para este remate, centrada nos anos da violenta ditadura, que derrubou Salvador Allende em 1973<sup>8</sup>.

Essa cena decorre na casa de uma candidata a escritora, nos arredores de Santiago. Ali se reúnem, em soirées literárias, os artistas e escritores que restam da violenta depuração após o golpe, que fez desaparecer uns e conduziu ao exílio outros. Um dia, um dos visitantes, em busca da casa de banho, entranha-se nos baixos da casa e depara com um homem vendado, num quarto destinado à tortura. A casa faria parte dos lugares de horror do Chile. Pertencia a um norte-americano, que fora da CIA e passara a integrar a DINA após o golpe, casado com

<sup>8</sup> De modo muito abreviado, anoto que as outras recordações são a visita a uma fazenda, as aulas de marxismo que teria ministrado a Pinochet, e uma missão, irrelevante e caricata, que lhe fora encomendada: procurar recolher na Europa elementos que servissem para controlar a proliferação dos pombos, cujos excrementos danificavam as igrejas. De qualquer modo, o narrador refere acerca dos expedientes para eliminar pombos que passou por “un período de dudas acerca de la conveniencia de deshacerse por métodos tan expeditivos de aquellos pájaros que también, pese a sus cagadas, eran criaturas de Dios.” (BOLAÑO, 2017, p. 67).

a aspirante a escritora. Enquanto decorria o quotidiano da família, com as rotinas do casal, das suas duas crianças pequenas e de uma empregada mapuche, na cave eram torturados alguns dos que haviam estado associados ao regime legal, deposto pelo golpe de 11 de Setembro de 1973. No teatro público das vidas, no andar superior da moradia, a existência da família decorreria como era inerente ao grupo social a que pertenciam. Nos esconsos da casa, numa espécie de sub-palco, durante as tardes melancólicas (BOLAÑO, 2017, p. 13), o marido da candidata a escritora interrogava detidos, submetendo-os a tortura. Através de choques elétricos, extraia-lhes a informação que pretendia e, em geral, não matava ninguém - ainda que alguns tivessem morrido. Ao mesmo tempo, ou pouco depois, a esposa recebia escritores e literatos diversos, em tertúlia, nos serões. Por que se ficou a saber desta dupla vida, desse inferno subterrâneo, paredes meias com uma vida familiar corrente e com as reuniões literárias? Porque “La costumbre distiende toda precaución, porque la rutina matiza todo horror” (BOLAÑO, 2017, p. 106). Anos depois, a candidata a escritora falará desses dias, convidando o protagonista da novela a descer à cave. Confidencia-lhe que ela, e os filhos, nunca ouviram nenhum grito. Em elipse, conta que só a eletricidade desligava de súbito, e depois voltava: “Aquí mató un empleado de Jimmy al funcionario español de UNESCO. Aquí mató Cecilia Sánchez Poblete. A veces yo estaba viendo la tele con los niños y se iba la luz por un rato. No oíamos ningún grito, sólo la electricidad se iba de golpe y después volvía.” (BOLAÑO, 2017, p. 108).

Seguramente banal e banalizada, a tortura decorria, vivendo-se habitualmente, em contiguidade:

En sua casa, por regra geral, no se mataba a nadie. Sólo se interrogaba, aunque algunos murieron. También se supo que Jimmy había viajado a Washington y había matado a un antiguo ministro de Allende y, de paso a una norte-americana. Y que había preparado atentados en Argentina contra chilenos exiliados e incluso algún atentado en Europa, tierra civilizada que Jimmy había sobrevolado con la timidez propia de los nacidos en América. Eso se supo. María Canales, por supuesto, lo sabía desde mucho antes. Pero ella quería ser escritora y los escritores necesitan de cercanía física con otros escritores. Jimmy amaba a su mujer. María Canales amaba a su gringuito. Tenían unos hijos preciosos. El pequeño Sebastián no amaba a sus padres. ¡Pero



eran sus padres! La mapuche, a su manera obscura, amaba a María Canales y probablemente también a su patrón. Los empleados de Jimmy no amaban a Jimmy, pero probablemente también tenían familias, y a su manera obscura las amaban. (BOLAÑO, 2017, p. 105).

Tudo depende do lugar onde cada um se coloca, da sua condição, como na imagem de “una colina que alegraba la vista si era contemplada desde el valle y que daba mucho que pensar si era contemplada desde las zonas altas que circundaban el valle.” (BOLAÑO, 2017, p. 43).

A literatura vê mais longe, como se conseguisse condensar e justapor o real. É muitas vezes a candeia que vai à frente e que ilumina duas vezes, sobretudo quando retoma o fio da história. Nesta obra de Bolaño, a personagem do padre literato, ciente da sua pequenez na presença de Neruda, parece ter-se inspirado em alguém que fez crítica literária no jornal *El Mercurio*, periódico que apoiou ativamente o golpe e que colaborou com a ditadura, como se referiu. Por outro lado, o torturador norte-americano corresponderia a um agente da CIA, mais tarde integrante da DINA, que, com a sua mulher, uma escritora que chegou a receber um prémio literário, se encarregaria da tortura e do assassinio de vários militantes de esquerda e de um atentado contra um militar.

Daniel Bensaïd morreu em 2010 e deixou inacabado um livro, *Espetáculo, Fetichismo, Ideología*. No prefácio à obra deste «comunista herético», Michel Löwy atribui-lhe uma espécie de «genealogia do desespero», perpassado pela “corrente elétrica da indignação – um sentimento de revolta que não pode ser dissolvido nas águas mornas da resignação consensual”, (LÖWY in Bensaïd, 2013, p. 11). As obras inacabadas, como as sinfonias incompletas ou as «capelas imperfeitas», são poderosamente sugestivas, como se cada uma de nós estivesse a participar numa estafeta, e lhe coubesse fazer a sua parte. Nas notas lidas, algumas um mero esquisso, reencontramo-nos com as nossas práticas, e colhe-se tanto o que autor deixou, como o que se adivinha, se intui e especula, em função dos nossos interesses de pesquisa e de vida, num momento determinado. Num dos capítulos, intitulado «Eclipse da razão crítica», Bensaïd incita-nos a pensar nos tempos de desaparecimento da consciência, que são também momentos de eclipses das lutas, numa espécie de *forclusão dos horizontes de*

*expectativa* (BENSAÏD, 2013, p. 86). A forclusão (*Verwerfung*, para Freud, alvo de uma reabordagem por Lacan) é a expulsão de um conteúdo da experiência para fora do eu, que desordena a relação entre o real e o simbólico, alterando-lhe a estrutura. Nos psicóticos, o significado forcluído retorna ao real como delírio. Marcuse atribuía à forclusão do espaço crítico a anemia da razão crítica (MARCUSE, 1979, pp. 35 e 36, , *apud* Bensaïd, 2013, p. 87). Se a aplicação do conceito no universo da psicanálise e do direito é habitual, o seu cruzamento com a semântica dos tempos históricos, proposta por Reinhart Koselleck e sugerida por Bensaïd, entre o *espaço da experiência* e o *horizonte da expectativa* (KOSELLECK, 1979), é um estímulo para interrogar o não-lugar da realidade, num processo histórico interrompido, que retorna como fantasmagoria. Como notava Maurice Godelier, há um abismo entre o que é imaginado e o que é imaginário, e aparentemente, entre um tempo e outro, há memórias que se volatilizam, e que só parecem retornar em delírios, como se a razão tivesse sido suspensa, as categorias interrompidas e as classificações se mesclassem perigosamente. As vidas transformadas desafiam os atingidos – e os etnógrafos que se debruçam sobre estas realidades –, a redefinir ordem e desordem, perdas e ganhos, cooperação e resistência, opressão e solidariedade, violência e afirmação humana, estrutura e acção, hegemonia e resistência (GREENHOUSE, 2002, p. 8).

É nesse sentido que a forclusão se reveste de utilidade para pensar o processo de suspensão violenta da memória de uma sociedade, em que o real se torna inatingível e irrepresentável, num vazio que banuiu a recordação, que só reaparecia como alucinação, como notara Jacques Lacan, segundo Bensaïd. A literatura, com os artifícios ficcionais assentes numa realidade histórica conhecida, como sucede em *El Palacio de la Risa* e em *Nocturno de Chile* – da qual o terreno etnográfico também dá sinais, permite estabelecer a ponte entre domínios de abordagem. Ao interrogar o papel da violência do processo político chileno, que quebrou brutalmente a continuidade de uma democracia referendada, com um movimento social vigoroso, e que conduziu a uma alteração substancial de tantas vidas, depois do 11 de setembro de 1973, permite entender como se desligou o *espaço da experiência* e o *horizonte da expectativa* (KOSELLECK, 1979).

A violência dos acontecimentos, que arrastou demasiados seres humanos, remeteu as pessoas para a necessidade de continuar, sob uma pressão avassaladora, pressionadas para manterem as existências, no âmbito de uma ordem social, desmentida pela experiência que traziam. Aprender a viver no meio de mudanças políticas dramáticas, entre momentos confusos e plenos de angústia, na estreita linha de fronteira que separa o cotidiano do impensável (GREENHOUSE, 2002, p. 24), significou suspender, ou mesmo desligar, a relação entre experiência e expectativa. Essa forclusão social e política deveria ter conduzido à supressão (ou a domesticação) da memória de momentos incômodos e de situações traumáticas. Como perda de algo que não logrou inscrição no tempo certo, a forclusão conduz ao banimento da consciência e da memória, que, contudo, reaparecem. Os processos sociais demonstram a capacidade da memória coletiva, obrigada a retirar-se e a domesticar-se durante os primeiros anos da ditadura, voltar a conquistar o espaço público para construir o futuro.

Com Maurice Halbwachs aprendemos que a memória coletiva é o resultado de uma dialética entre o que foi e o que virá, ajustando-se a sucessivas e distintas configurações, que resultam das alterações sociais, políticas, económicas (HALBWACHS, 1950). É conservada pelos grupos, os quadros sociais (HALBWACHS, 1925), e sempre construída a partir de um dado presente. Na semântica dos tempos históricos, um golpe violento que interrompa a ligação entre o espaço da experiência e o horizonte da expectativa introduz uma suspensão, por um período mais ou menos longo.

A memória de uma sociedade é o resultado de uma correlação de forças, evidenciando equilíbrios que são provisórios. Essa memória social, em resultado dos usos políticos do passado por parte dos grupos dominantes numa conjuntura determinada, sobrepuja as várias memórias coletivas, e é mais do que a soma destas, pois pressupõe um exercício de poder. Em cada momento, há grupos sociais melhor posicionados para imporem a sua versão e construírem uma versão hegemónica, consensualizada ou, no limite, coercitiva. Essa versão do passado é ensinada e aprendida na escola, divulgada pelos media, tornada corrente e naturalizada, festejada, inscrita e monumentalizada no espaço público,

pela toponímia ou pela estatuária. As reificações em torno do passado político conflitual, consensualizando-o e tornando-o um objeto de consumo potável, estilizado, neutralizado e rentabilizado, enquadram um tempo em que a memória se tornou uma religião civil (TRAVERSO, 2005, p. 12). As versões hegemônicas diluem, silenciam ou interditam as versões dos vencidos – ou seja, remetem para uma forclusão dos seus horizontes de expectativa. Negociada e posteriormente patrimonializada, essa memória torna-se inofensiva e não abre caminho à esperança. Porém, como escreve Emilio Silva no livro de fotografias de Clemente Bernad, dedicado às exumações de republicanos espanhóis,

a memória é a fonte de que mana o testemunho dos que sofreram, dos que calaram; é um caminho que constrói justiça, que democratiza, que dissolve o medo. A memória é um dever; há que tratar o que não foi tratado, retratá-lo, dizê-lo, contá-lo, porque o silêncio é a voz da impunidade.” (SILVA, 2011, p. 15 in BERNAD, 2011, p. 15, tradução nossa).

As memórias dos derrotados, dos subalternos, dos *perigosos*, não desaparecem. Embora possam ser privatizadas por períodos mais ou menos longos, emergem nos modos públicos como assombrações, sob o formato do *graffiti*, da inscrição marginal, quando lhes é sonegada a existência e são débeis as políticas de memória. Em instantes determinados e em função de conjunturas sociais e políticas favoráveis, irrompem «revoltas da memória» (LOFF, 2000), que trazem também a recordação de modos de organização e de criação de mundos sensíveis, e comuns. Essas erupções dissonantes emergem sob várias condições: um momento político propício, um ataque que vá demasiado longe relativamente à memória comum dos vivos, um formato de comemoração que aproveite uma data – ou a gota de água que pode ser o aumento de um bilhete de metro. Configuram então a perda do medo, com a sua diluição pela força do grupo.

Nos anos oitenta, quando no Chile se começou a dissipar o medo, o jovem Pablo Salas saiu com uma câmara de filmar na mão, porque as pessoas voltaram a ir para a rua e a rebelar-se. Eram poucas, mas ousavam mostrar-se, por vezes em manifestações relâmpago, porque os repertórios de resistência eram conhecidos. A repressão era forte, mas saía-se. Pablo Salas foi montando alguns documentários, conseguiu fazê-los sair do Chile, através de estações

estrangeiras, organizações religiosas e de direitos humanos. Vimos extractos desses registos, também em filmes de outros realizadores. *La Cordillera de los Sueños*, de Patricio Guzmán, ganhou o prémio para o melhor documentário, no festival de Cannes de 2019. Depois do deserto de Atacama, em *Nostalgia da Luz*, e da Patagónia, em *O botão de nácar*, agora é a vez da cordilheira dos Andes, essa coluna vertebral que articula o país. Em Santiago, a cordilheira é uma espécie de gigantesco cenário que compõe a cidade. No filme, sobrevoa a cidade de Santiago, e uma parte substancial da cordilheira, as crateras deixadas nela, que tanto revelam. A Guzmán custava sentir que o Chile actual fosse mais do que um fantasma, depois de ter sido remodelado pelo regime de Pinochet. Está fora, a sofrer um exílio que parece definitivo. Usa os filmes de Pablo Salas, que desde 1983 veio para a rua filmar os que tinham perdido o medo, e tinham voltado a manifestar-se. A Cordilheira atravessa o Chile, define-o, fronteiriza-o, como se fosse uma coluna a marcar um esqueleto. Tudo se encontra nela, mas a ditadura conseguir mudar o país, tornando-o um fantasma do que foi, forcluindo-o. Contudo, tão ativamente como puderam, ou tão passivamente como os tempos exigiram, os chilenos foram resistindo – e os filmes de Salas são entusiasmantes, porque nos mostram a reversão do processo de forclusão e instilam a esperança. Desde 1997 que os Mapuche se mobilizaram, no sul do Chile. Já por 2006, a designada «revolución pingüina» trouxe para a rua estudantes do ensino secundário, e em 2007 os trabalhadores subcontratados das minas de cobre. Entre 2010 e 2012 houve vários movimentos regionais, ao mesmo tempo que decorriam mobilizações, desencadeadas por ambientalistas, contra alguns projetos extractivistas. Entre 2011-2012 houve uma série de ações estudantis com grande impacto, exigindo ensino gratuito, e em 2016 cresceu o protesto contra o sistema de fundos de pensões (GOICOVIC, 2019, p. 126). Outubro de 2019 e os meses que se seguiram trouxeram para as ruas milhões de chilenos, reativando memórias e inventando novos repertórios de resistência, conquanto confrontados com uma forte repressão.

Realidade e literatura: ditadura militar chilena, forclusão dos horizontes de expectativa e portas entreabertas

Paula Godinho

Desarmar o medo passou por conquistar de novo a rua, lutar como se podia, e também por relatar, escrever, declarar, filmar, investigar. É um modo de emancipar, uma aposta no futuro, para escapar à visão sombria, que edifica o caminho do desespero. Esvaziar o temor inicia um caminho incerto, mas é sempre uma aposta no futuro. Na linha da proposta de Daniel Bensaïd, há que deixar entreaberta uma porta estreita para a possibilidade do intempestivo.

Santiago de Compostela e Lisboa, Fevereiro-Junho de 2019

## Referências

ARAYA, Rodrigo; TÁBAR, Javier. Luchas, discursos y debates sobre la amnistia laboral: apuntes para una aproximación comparada entre España y Chile. //: MOLINERO, Carme; YSÀS, Pere. (org.). **Transiciones**: estudios sobre Europa del Sur y América Latina. Barcelona: Catarata, 2019. p. 127-148.

BENSA, Alban.; POUILLON. François (org.). **Terrains d'écrivains**: littérature et ethnographie. Paris: Anacharsis, 2012.

BENSAÏD, Daniel. **Espectáculo, fetichismo, ideologia** (um livro inacabado), Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2013 [Prefácio de Michael Löwy].

BERNAD, Clemente. **Desvelados**. [s.l.]: Alkibla Editorial, 2011.

BOLAÑO, Roberto. **2666**. Lisboa: Quetzal, 2009

BOLAÑO, Roberto. **Nocturno de Chile**. Barcelona: Debolsillo, 2017.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Oeiras: Celta, 1989.

GODELIER, Maurice **L'imaginé, l'imaginaire & le symbolique**. Paris: CNRS Editions, 2015.

GODINHO, Paula. Futuros passados, futuro ausente ou um terraço para outra coisa ainda? Um ensaio sobre usos da memória, teoria e métodos. //: LISBOA, Manuel. (org.). **Metodologias de investigação sociológica**. Famalicão: Húmus, 2016. p. 131-162.

Realidade e literatura: ditadura militar chilena, forclusão dos horizontes de expectativa e portas entreabertas

Paula Godinho

GODINHO, Paula, La résistance à la dictature portugaise et le sceau de la mémoire: l'archive sensible d'Aurora Rodrigues. *In*: BASTO, Maria-Benedita ; MARCILHACY, David (org.) **L'archive sensible : mémoires, intimité et domination**. Paris: Editions Hispaniques, 2017, p. 155-170

GODINHO, Paula. Quando os sujeitos pesam mais do que os objectos: políticas de memória, processo revolucionário e co-implicação. *In*: POZZI, Pablo; GODINHO, Paula (coord.). **Insistir con la esperanza**: el compromiso social y político del intelectual. Buenos Aires: CLACSO, 2019, p. 81-112. Disponível em : [http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20190517055140/Insistir\\_con\\_la\\_esperanza.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20190517055140/Insistir_con_la_esperanza.pdf) . Acesso em: 15 jul. 2019.

GOICOVIC, Igor. Proceso de transición y violencia política en Chile (1988-1994). *In*: MOLINERO, Carme; YSÀS, Pere (org.). **Transiciones**: estudios sobre Europa del Sur y América Latina. Barcelona, Catarata, 2019. p. 104-126.

GREENHOUSE, Carol.; MERTZ, Elisabeth.; WARREN, Kay (org.) **Ethnography in unstable places**: everyday lives in contexts of dramatical political change. Durham : Duke University Press, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris : Albin Michel, 1925.

HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Paris : PUF, 1950.

JABLONKA, Ivan L **l'historie est une littérature contemporaine** : manifeste pour les sciences sociales. Paris: Seuil, 2014.

KAVAFIS, Konstandino. **Páginas íntimas**. Lisboa: Hiena, 1994.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro pasado**: para una semantica de los tiempos históricos. Barcelona : Paidós, 1979.

LEFRANC, Sandrine. La « juste distance » face à la violence. **Revue internationale des sciences sociales**, Paris, n. 174, v. 4, p. 505-513, 1979.

LOFF, Manuel. Esquecimento, revisão da história e revolta da memória. *In*: DELGADO, Iva *et al.* (orgs.) **De Pinochet a Timor Lorosae**: impunidade e direito à memória. Lisboa: Cosmos, 2000. p. 189-199.

LOFF, Manuel. A luta pela memória em Portugal: da ditadura, da revolução. *In*: LOFF, Manuel *et al.* (org.). **Ditaduras e revoluções**: democracias e políticas da memória. Coimbra: Almedina, 2015. p. 23-144.



Realidade e literatura: ditadura militar chilena, forclusão dos horizontes de expectativa e portas entreabertas

Paula Godinho

LOFF, Manuel; PIEDADE, Filipe; SOUTELO, Luciana Castro (org.) **Ditaduras e revoluções**: democracias e políticas da memória. Coimbra: Almedina, 2015.

LOGAN, William; REEVES, Keir. **Places of pain and shame**: dealing with 'difficult heritage'. London: Routledge, 2009.

LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

MARÍN, Germán. **O palácio do riso**. Lisboa: Antígona, 2016 [Tradução de Helena Pitta, prólogo de Roberto Merino e posfácio de Júlio Henriques]

MERTZ, Elizabeth. The perfidy of gaze and the pain of uncertainty: anthropological theory and the search for closure. *In*: GREENHOUSE, Carol.; MERTZ, Elisabeth; WARREN, Kay (org.). **Ethnography in unstable places**: everyday lives in contexts of dramatic political change. Durham: Duke University Press, 2002. p. 355-378.

MISTRAL, Gabriela. **Poesias**. Seleção e prólogo de Eliseo Diego. Havana: Casa de las Americas, 1975.

MOLINERO, Carme; YSÀS, Pere. (org.). **Transiciones**: estudios sobre Europa del Sur y América Latina. Barcelona: Catarata, 2019.

PADILLA BALLESTEROS, Elías. **La memoria y el olvido**: detenidos desaparecidos en Chile. Santiago : Éd. Orígenes, 1995.

RAMONET, Ignacio. **Le krach parfait** : crise du siècle et refondation de l'avenir. Paris : Galilée, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **Les bords de la fiction**. Paris : Fundação Calouste Gulbenkian, 2016.

ROUSSO, Henry; CONAN, Eric. **Vichy, un passé qui ne passe pas**. París, Fayard, 1994.

SLUKA, Jeffrey A. The anthropology of conflict. *In*: NORDSTROM, Carolyn.; MARTIN, JoAnn. (org. ) **The paths to domination, resistance and terror**. Berkeley: UCP, 1992. p. 18-36.

SCHMIDT, Bettina E.; SCHRÖEDER, Ingo W. (org.) **Anthropology of violence and conflict**. London: Routledge, 2001.

TRAVERSO, Enzo. **Le passé, modes d'emploi**: histoire, mémoire, politique. París: La Fabrique Editions, 2005.

TRAVERSO, Enzo. **Melancolía de izquierda**: después de las utopías. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2019.



Realidade e literatura: ditadura militar chilena, forclusão dos horizontes de expectativa e portas entreabertas

Paula Godinho

TUNBRIDGE, John.; ASHWORTH, Gregory John. **Dissonante heritage**: the management of the past as a resource in conflict. Chichester: Wiley, 1996.

UZZELL, David ; BALLANTYNE, Roy (orgs.). **Heritage and Environmental Interpretation: Problems and Prospects**. Norwich: The Stationary Office, 1998.

WAISSBLUTH, Mario. **La reforma del Estado en Chile 1999-2005**: de la confrontación al consenso. Universidad de Chile: Santiago de Chile, 2006.

WARREN, Kay B. Toward an anthropology of fragments, Instabilities and incomplete transitions. //: GREENHOUSE, Carol.; MERTZ, Elisabeth; WARREN, Kay (org.). **Ethnography in unstable places**: everyday lives in contexts of dramatic political change. Durham: Duke University Press, 2002. p. 378-392.